

**Dossiê**

# Análise de discurso, dom e simbolismo do dinheiro no Neopentecostalismo

Discourse analysis gift and symbolism of money in Neo-pentecostalism

Drance Elias da Silva\*

## Resumo

O texto toma como porto de partida uma reflexão sobre Análise de Discurso, entendendo-se esta como uma dimensão teórico-metodológica. Expressa uma necessidade de querer compreender essa forma de análise e de poder tomá-la como referência, para um melhor entendimento de certos aspectos do comportamento religioso atual. A atitude exposta aqui é de quem supõe a aplicação da Análise de Discurso e uma hermenêutica a partir do dom, em um estudo de pesquisa sobre a relação Religião e Dinheiro no discurso Teológico de Prosperidade de expressão neopentecostal. Os procedimentos metodológicos aqui sugeridos são apenas indicativos de que a Análise de Discurso e a teoria da dádiva de Marcel Mauss constituem caminhos para aprofundamento de questões que vêm sendo discutidas pela Sociologia da religião.

**Palavras-chave:** Formação discursiva. Religiosidade. Significado; Sentido.

## Abstract

The text takes as port of departure a reflection on Discourse Analysis, understanding this as a theoretical-methodological dimension. It expresses a need of wanting to understand this form of analysis and to take it as a reference, for a better understanding of certain aspects of current religious behavior. The attitude exposed here, is of the one who supposes the application of the Analysis of Speech and a hermeneutics from the gift, in a study of inquiry on the relation Religion and Money in the Theological speech of Prosperity of neo-pentecostal expression. The methodological proceedings here suggested are only indicative of what the Analysis of Speech and the theory of the donation of Marcel Mauss constitute ways for the deepening of questions that are discussed by the Sociology of the Religion.

**Keywords:** Discursive formation. Religiousness. Meaning. Sense.

\* Pós-doutorado pela Escola Superior de Teologia - RS (Faculdades EST), Doutorado (2006) e Mestrado (2000) em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharelado em Filosofia (1989) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Bacharelado em Teologia (1989) pelo Instituto de Teologia do Recife (ITER). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Religiões, Identidades e Diálogos. Editor da Revista Teologia e Ciências da Religião da UNICAP.



## 1 Introdução

De forma simples e genérica, a Análise de Discurso (AD) se define especificamente no campo linguístico como "A parte da linguística que determina as regras que comandam a produção de sequências de frases estruturadas" (DUBOIS; GIACOMO et al 1973, p. 50). Os autores comentam de forma breve que a Análise de Discurso deita suas origens a partir da distinção feita por F. de Saussure entre a língua e a fala. Os formalistas russos bem como os trabalhos desenvolvidos pela Escola de Genebra<sup>1</sup> elaboram, a partir de pesquisas processuais no campo da linguística, um tipo novo de análise literária e que, desde Saussure até os anos 50, foi mantida então, por meios acadêmicos, a corrente de uma linguística da fala que "opõe à função da comunicação, essencial para o estudo da língua, uma função de expressão (fenômenos emocionais, subjetivos, individuais) que apresenta os problemas do estudo dos enunciados superiores à frase, especialmente de tudo o que se refere à enunciação" (DUBOIS; GIACOMO et al 1973, p. 51).

Nesse processo, algumas questões vão sendo levantadas, tais como: a ideia de que a linguagem é um instrumento neutro; a questão do

sujeito como fonte de sentido; o cientista social afirma que o que interessa para ele é o que está por trás do discurso, ou por trás daquela linguagem que se expressa de tal forma; a linguagem que tanto pode ser para deformar o real como denunciadora do real (ideologia e ciência); a questão não só da fala, mas os textos escritos, os documentos, etc. Assim, o processo em que se vai constituindo a AD como teoria analítica, é expressão dessas e outras questões que na realidade, quer tocar fundamentalmente na questão do conhecimento. A Análise do Discurso como intervenção teórica que se elabora como instrumento quer, essencialmente, questionar a evidência do real e do sentido: o real estará posto como questão sempre que houver um discurso.

A década de 60 se constitui novo momento desse movimento teórico no campo da linguística. A conjuntura se caracteriza na França a partir de três aspectos: I - grande evidência da linguística estrutural; II - linguística dos sucessores da língua francesa; III - a questão do sujeito. Dois nomes se destacam como referência nesse momento: J. Dubois e M. Pêcheux quando, de forma independente um do outro, elaboram o que se denominará de *Análise de Discurso*. É importante observar que esses dois conceituados

---

<sup>1</sup> Escola de teoria literária nascida na Universidade de Genebra, sob inspiração da fenomenologia de Husserl, cujos membros são também conhecidos por "críticos da consciência".

estudiosos do campo da linguística também partilhavam, de forma comum, o mesmo espaço, ou seja, o do marxismo e o da política. Em J. Dubois, observa Maltidier (1997, p. 18), a AD deve substituir a subjetividade do leitor unicamente pelo aparelho da 'gramática', rompendo com a prática do comentário literário: "Remetendo a literatura ao que ele considera como sua miséria metodológica, J. Dubois coloca decididamente a AD no terreno do estudo dos grandes textos políticos da tradição francesa: assim procedendo, ele elege o discurso político como objeto específico da nova disciplina".

Mas, precisemos melhor como é pensada a Análise de Discurso para cada um desses autores. Para J. Dubois, a AD é pensada como a passagem do estudo da palavra (Lexicologia) ao estudo do enunciado (Análise do Discurso). Essa passagem é concebida em linguística como uma extensão, um progresso. Indo para os caminhos de M. Pêcheux, observa-se o contrário, isto é, a AD é pensada como, segundo Maltidier (1997, p. 19), uma ruptura epistemológica com a ideologia que domina nas ciências humanas. Fundamentalmente, o que se observa nessa distinção é, precisamente, a maneira de teorizar a relação da linguística com um exterior. Claro que essa relação não é apresentada tão simples assim, mas é o que constitui a diferença entre essas duas formas de conceber a Análise de Discurso.

Tomando a linha de Pêcheux bem como a linha de J. Dubois, identificava-se a instituição de uma disciplina que, em seu processo de elaboração e definição nessa fase, de forma autônoma, aos poucos se recusa uma relação de aplicação (da linguística a um outro domínio) e uma integração pura e simples à linguística. Contudo, não é objetivo dessa reflexão expor um debate sobre os encontros e desencontros no campo teórico, que marcaram, desde o início, a história da Análise do Discurso. Porém, é importante deixar refletido – embora não de forma exaustiva – que se supõe em ação uma prática efetiva de AD, que representa, na visão de vários autores, uma espécie de sincretismo, hoje visto, por exemplo, na migração – banalização de conceitos como: condição de produção, mecanismo ou processo discursivo. Assim, o que é a Análise do Discurso senão uma prática disciplinar que se pode resumir por três proposições: 1) ela realiza o fechamento de um espaço discursivo; 2) supõe um procedimento linguístico de determinação das relações inerentes ao texto; 3) produz no discurso uma relação do fato linguístico com o exterior da língua. O processo até aqui corresponde a um primeiro passo ou momento da elaboração do que se estaria ainda por definir sobre AD, principalmente depois de 1970. A partir dessas três proposições, pode-se, então, considerar como conceito básico para AD o que se denomina por **Condições**

**de Produção.** E conforme Orlandi (1996, p. 110), essas condições de produção (exterioridade, processo histórico-social) "caracterizam o discurso, o constituem e como tal são objetos da análise".

Ao levarmos em consideração essas condições de produção na AD em relação, por exemplo, ao sujeito (locutor), não é esse que se apropria da linguagem e sim que há uma forma social de apropriação da linguagem, em que está refletida a ilusão do sujeito, isto

é, sua inter-relação feita pela ideologia. Nesse sentido, a conclusão que se chega é a de que, através da AD, propõe-se aplicar as capacidades crítica, teórica e política da reflexão sobre a linguagem. E o que essa forma de análise procura mesmo obter? Procura simplesmente "restituir à reflexão sobre a linguagem a complexidade que pode advir de uma observação em que não se excluem a sua materialidade histórica, o funcionamento da ideologia e a política do significar" (ORLANDI, 1987, p. 11).

## 2 Análise de discurso: aspectos de um procedimento metodológico

Tomando como referência o campo religioso do Neopentecostalismo, supomos a Análise de Discurso como procedimento teórico metodológico na busca de compreensão acerca da relação Religião e Dinheiro<sup>2</sup> – embora não somente, como veremos no quarto item desta reflexão ao propormos um outro corte epistemológico como conclusão. A questão a supor como pretexto para continuar essa reflexão é: Que observações se pode fazer como pressuposto de um estudo sobre a relação religião e dinheiro, à luz da Análise de Discurso, como procedimento teórico-metodológico?

Posta a questão norteadora, destacamos os seguintes aspectos reflexivos:

- a) o que deve interessar primeiro que tudo é o fato de poder tratar objetos materiais que circulam, no espaço religioso, como objetos que ganham significado e sentido, à medida que o discurso religioso<sup>3</sup> seja visto e entendido como responsável/produtor dessa significação que merece, em relação a esse significado e

---

<sup>2</sup> A experiência que um fiel faz do dízimo é experiência de relação. Nós nos relacionamos com os objetos, mas não de qualquer jeito; muito menos, todos os objetos guardam em si a mesma importância, haja vista que os separamos um do outro pela força das imagens e do valor a eles atribuídos.

---

<sup>3</sup> Como estaria tratando de religião cristã e sendo situada especificamente no campo pentecostal evangélico, é importante observar que, segundo Orlandi (1996), há uma distinção entre discurso teológico e discurso religioso. Discurso teológico é aquele em que a mediação entre a alma religiosa e o sagrado se faz por uma sistematização dogmática das verdades religiosas, na qual o teológico aparece como aquele que faz a relação entre dois mundos: o mundo hebraico e o mundo cristão. E em oposição a este, estaria o discurso religioso, em que há uma relação espontânea com o sagrado.

- sentido, uma análise que desvende o processo de seu funcionamento e, com isso, chegar a compreender melhor sua legitimação perante um determinado público de fiéis;
- b) no decorrer do processo de pesquisa, procuraram-se trazer para a reflexão as observações advindas de um todo complexo, que é o mundo da linguagem, sem excluir suas dimensões material, ideológica e de significado;
- c) segundo Orlandi (1996, p. 153), "um tipo de discurso resulta do funcionamento discursivo, sendo este último definido como atividade de um discurso determinado, para um interlocutor determinado, para um falante determinado, com finalidades específicas. Observando-se sempre, que esse "determinado" não se refere nem ao próximo, nem à presença física, ou à situação dos interlocutores como pode ser descrita pela sociologia. Trata-se de formações imaginárias, de representações, ou seja, da posição dos sujeitos no discurso". Assim, como procedimento metodológico em AD, o percurso será norteado a partir do critério
- de **reversibilidade**<sup>4</sup> que, segundo Orlandi, pode ser tomado como um dos parâmetros na definição do discurso em suas propriedades. Daí que o processo de análise a partir de um universo discursivo religioso-teológico, esse deverá ser caracterizado como aquele em que fala a voz de Deus: a voz do pastor, do pregador ou, em geral, qualquer representante seu - é a voz de Deus;
- d) a Análise do Discurso é um olhar crítico, no sentido de que tal procedimento de análise procura problematizar as formas de reflexão. Quando se fala do objeto da AD, esta toma a posição de pensá-lo como algo de dimensão social e histórico, na qual se confrontam sujeito e sistema. Nada mais óbvio como objeto de análise do que o discurso. E o que é o discurso? "Conjunto de práticas semânticas e retóricas utilizadas em atos de comunicação, tais como: uma carta de princípios de determinado partido político, uma comunicação oficial do governo, um sermão proferido

<sup>4</sup> A reversibilidade como aspecto que assenta no critério da interação (critério para o estabelecimento de tipologia segundo essa autora), é aquele que determina a dinâmica da interlocução: "segundo o grau de reversibilidade haverá uma maior ou menor troca de papéis entre locutor e ouvinte, no discurso" (Cf. ORLANDI, 1996, p. 154).

por um pastor/sacerdote, ou qualquer documento que tenha por definir, modificar ou ratificar uma realidade simbolicamente constituída por seu autor” (SILVA, 1989, p. 46);

- e) Orlandi estabelece, em sua tipologia, três tipos de discurso: **o discurso lúdico**, aquele em que a reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta; **o discurso polêmico**, aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram dar-lhe uma direção com a polissemia é controlada; **o discurso autoritário**, aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente no sentido militar, isto é, assujeitamento ao comando;
- f) considerando o campo religioso como produtor de sentido, no qual a fala exerce comando de direção, por esgrimir bem seus símbolos como forma de persuasão, o estudo deve optar como modelo de discurso para

análise, o discurso autoritário, já que ele é, por excelência, a forma mais persuasiva e de grau de reversibilidade que tende a zero, bem como o tipo que mais encontramos presente no âmbito do religioso/teológico.

Esses seis aspectos reflexivos, do ponto de vista metodológico, fazem-se necessários ao tomar como marco teórico a Análise de Discurso numa pesquisa sobre a questão do dinheiro no âmbito social religioso/teológico/pentecostal. É necessário, ainda, identificar alguns outros elementos que percorreriam a análise, tais como: *distância*, *modalização*, *tensão* e *transparência*. Vejamos cada um desses elementos sucintamente.

Segundo Citelli (1995), ***Distância*** (atitude do sujeito falante face ao seu enunciado), o sujeito falante é exclusivo. O enunciado está marcado por uma espécie de "desaparecimento" dos referentes. A voz do enunciador é mais forte do que os próprios elementos enunciados; ***Modalização*** (o modo como o sujeito constrói o enunciado). O texto autoritário, persuasivo, possui traços muito peculiares: o uso do imperativo, o caráter parafrásico, etc.; ***Tensão*** (relação que se estabelece entre o emissor e o receptor). O emissor domina a fala do receptor, não abre espaço para a existência de respostas. É um *eu* impositivo, é a voz de quem comanda; ***Transparência*** (maior ou

menor grau de transparência, ou opacidade do enunciado). Tende a uma maior transparência, visto tornar-se um enunciado mais facilmente compreensível

### 3 Sobre a formação discursiva

Um segundo momento dessa reflexão, uma vez identificado o tipo de discurso que melhor se enquadra no campo religioso, é fazer algumas observações sobre o conceito de "formação discursiva". A formação discursiva compreende o que o sujeito pode e deve dizer em uma determinada situação bem como em uma determinada conjuntura, de tal forma que, "remetendo seu discurso à ideologia, essa formação fará que suas palavras tenham um sentido e não outros possíveis. É pela remissão à formação discursiva que se identifica uma fala" (ORLANDI, 1987, p. 17).

Para citarmos um exemplo, poderíamos dizer que, em uma determinada instituição religiosa neopentecostal, acham-se contidas formações discursivas que podem ser entendidas como 'dicionários' diferentes que remetem à ordem de discurso diferente. Exemplificando, pode-se dizer que, quando uma dessas religiões neopentecostais (tipo Igreja Universal do Reino de Deus, Deus é amor, Renascer em Cristo) fala de "colocar Deus à prova", deve-se ler *exigir o que foi prometido*; quando fala de

vel pelo receptor. A metáfora não convive muito bem com a violência do convencimento autoritário.

"fidelidade/infidelidade", deve-se ler *quando se paga e quando não se paga o dízimo*; quando fala de "fazer um propósito", deve-se ler *lançar um valor em dinheiro como desafio*.

Dessa maneira, na atitude metodológica de um processo de estudo como esse, o pesquisador deve sempre entender, de outra forma, o que se diz, em face dessa característica de sobreposição que, com certeza, apresentar-se-á como dominante na formação discursiva de uma instituição religiosa neopentecostal, a exemplo das que acima foi mencionada.

A tarefa estratégica do pesquisador deve estar, portanto, em primeiro lugar, fazer para si a seguinte pergunta: o que não se está discutindo enquanto se está discutindo? Em resposta a essa pergunta – que remete a procedimentos metodológicos no decorrer da análise –, desdobram-se dois momentos dessa estratégia: I – observar, no processo de análise de discurso, não o que a instituição diz, mas o que ela faz dizer e fazer; II – naquilo que se diz, o que se esconde?

A partir disso, toma-se, então, a decisão de encarar, de forma crítica, a



instituição religiosa neopentecostal e sua relação com o dinheiro, como lugar em que se originam e se produzem o

discurso através do qual se trata a questão do dinheiro: o discurso religioso.

#### 4 Discurso religioso, religião e dinheiro

Dissemos, na linha "c" do item "2", que o discurso religioso se caracteriza como aquele em que fala a voz de Deus: a voz do pastor, do padre - ou do pregador -, ou em geral, de qualquer representante seu - é a voz de Deus. O discurso proposto a se tomar como referência fazendo uso desse procedimento metodológico é o discurso religioso cristão, particularmente o tipo evangélico neopentecostal. O objetivo do estudo pretende estabelecer um processo de análise através do qual se busca observar, a partir da religião, como essa concebe hoje a questão do dinheiro. Partindo disso, então, devem-se deixar claro alguns elementos próprios do discurso religioso. Um primeiro elemento é o de tomar como típico desse discurso o desnivelamento na relação entre locutor e ouvinte (o pregador/pastor e os fiéis): o locutor como "dono" da voz, encontra-se legitimado por tomar parte do plano espiritual; e o ouvinte, colocado nessa relação, no plano temporal (O ouvinte se relaciona com Deus através da mediação institucional eclesiástica, pois este se coloca como quem recebe diretamente de Deus sua voz): "O locutor e o ouvinte pertencem a duas

ordens de mundo totalmente diferente e afetado por valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal" (ORLANDI, 1996, p. 243).

Desse tipo de relação, observa-se, então, que, sendo o locutor quem recebe de Deus a voz diretamente, situa-se, do ponto de vista do conhecimento e do poder, mais legitimado, com mais verdade sobre o que diz de qualquer coisa do que o ouvinte (=fiel) destituído de poder e tão somente apresentando-se com suas demandas para serem urgentemente resolvidas: "Quando digo que a voz de Deus se fala no padre, é 'como se' Deus falasse: a voz do padre é a voz de Deus. Essa é a forma da representação, ou seja, da religião simbólica" (ORLANDI, 1996, p. 244).

Um segundo elemento que se observa, nesse tipo de discurso, é que a religião abarca duas dimensões: a de concepção de mundo e a de atitude prática. E, segundo Orlandi, no que diz respeito à concepção de mundo, é o que pode ver com relação à filosofia, senso comum e folclore, vistos como relação: "O senso comum é o folclore da filosofia e se acha sempre na



metade do caminho entre o folclore verdadeiro e próprio e a filosofia" (ORLANDI, 1996, p. 248).

Assim, ao identificarmos essa dualidade ideológica no âmbito religioso, isso cria dissenso na ordem de compreensão das coisas, fazendo com que o sujeito mais importante do

Plano humano  
Plano temporal  
Sujeito

Homem-----Matéria

Um terceiro e último elemento constitutivo desse discurso, que se pode observar em um processo de análise discursiva, é a noção de fé: "Entre as qualidades do espírito está a fé, que é o móvel para a salvação. Isto é, dada a condição humana em relação a Deus, dada a separação indicada por essa condição (o pecado existe), a fé é a possibilidade de mudança, é a disposição de mudar em direção à salvação" (ORLANDI, 1996, p. 250). Esse terceiro elemento é ponto importantíssimo de discernimento nesse tipo de discurso, seja qual for o objeto propriamente dito no qual se esteja interessado, pois ele será tomado pela hierarquia religiosa como elemento fundante da ação no cotidiano dos fiéis. Assim, ao ver, de um possível estudo como esse, os elementos acima refletidos, não só se modifica a natureza do elemento principal do

discurso religioso, no caso Deus, a Ele todas as coisas possam estar ligadas, porque Deus se acha também colocado numa relação hierárquica de valor. Portanto, é desse dualismo que o discurso religioso se compõe, e será com esse esquema que teremos que tratar o objeto do estudo proposto:

Plano divino  
Ordem espiritual  
Sujeito

Espírito  
Deus

estudo, no caso o dinheiro, como o remete a outro significado para fora dele mesmo, constituindo-se, portanto, um signo.

A questão, pois, do dinheiro entraria, para efeito da análise, já que ele se configura, no discurso, objeto de estudo propriamente dito? Dentro desse tipo de discurso, o dinheiro deve ser tomado como símbolo, pois está sempre a representar um outro significado no plano do valor não monetário; e a questão norteadora é: o que o discurso religioso em torno do dinheiro esconde que faz com que ele seja uma outra coisa que não ele mesmo? Em resposta a tal questão, lançamos mão de um outro viés teórico-metodológico que corrobore, do ponto de vista interpretativo, a perspectiva do estudo aqui proposto, da relação religião e dinheiro na práxis religiosa neopentecostal.

## 5 O simbolismo do dinheiro: uma hermenêutica a partir do dom

Na perspectiva de Nobeit Elias (1993), a sociedade é, em essência, uma rede de relações intencionais. A sociedade é possível porque os indivíduos se constituem como seres de relação e, assim, vivem em permanente interdependência. Ninguém isoladamente a constitui enquanto algo intencional; do viver juntos é que os indivíduos, em suas relações, desenham formas institucionais complexas para servirem à condição de interdependência. A sociedade, em Elias, é essa forma institucional complexa, mas, como realidade aberta, nunca pronta e acabada: “consideradas como totalidades, são sempre mais ou menos incompletas: de onde quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal, em direção ao passado e ao futuro” (ELIAS, 1993, p. 20). Na verdade, sempre houve busca daquilo que fundamentasse o “estar junto”, o vínculo social. A experiência etnológica permitiu nova atenção sobre o que fundamenta esse vínculo, que tem sido considerado como algo constitutivo do simbólico constituinte.

As “práticas sociais” configuram o domínio básico de estudo sociológico: “A ciência social preocupa-se com os agentes que geram e inventam conceitos, que teorizam sobre o que fazem, bem como sobre as condições nas quais praticam seus atos”

(GIDDENS, 2001, p. 111). Nessa perspectiva, a vida em sociedade resulta de processo cultural que se concretiza pelas relações sociais instituintes dos símbolos, os quais expressam determinada visão de mundo comum, manifestando-se em várias formas de comunicação, tal qual a linguagem, comportamentos, artefatos materiais etc. Os símbolos instituídos têm capacidade de influenciar e controlar o comportamento humano, dependendo da capacidade de eles transmitirem e reforçarem um sistema ideológico já dado<sup>5</sup>.

A sociedade, então, pode ser considerada um agregado de relações sociais, e a cultura, seu conteúdo, o qual enfatiza os recursos acumulados que as pessoas adquirem por herança, à medida que os utilizam, transformam, acrescentam e transmitem. Na visão durkheimiana, a sociedade, por ser um fenômeno de comunicação, realiza sua possibilidade mediante a linguagem, os significados e os símbolos:

Antes de tudo, a centralidade da linguagem: tudo o que é dito, é dito para alguém em algum lugar. A linguagem ocupa um papel central no sentido que não existe conhecimento sociológico que não passe através da

---

<sup>5</sup> O imaginário social instituído constitui-se de crenças, mitos, ideologias, religiões e fala do mundo por via oblíqua; cria novas linguagens comuns, sem necessariamente verbalizá-las mediante, por exemplo, práticas sociais simbólicas. É com essas práticas que se reforçam tipos ideais de comportamentos sociais.

linguagem, e através de uma linguagem situada. Uma linguagem que é sempre culturalizada, de gênero, étnica, sempre ligada a tempos e lugares específicos (MELUCCI, 2005, p. 33).

Os 'sistemas simbólicos', como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) conjecturar aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, 'uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências'. Durkheim - ou, depois dele, Radcliffe-Brown, que faz assentar a 'solidariedade social' no fato de participar num sistema simbólico - tem o mérito de designar explicitamente a função social do simbolismo, autêntica função política [...] (BOURDIEU, 1998, p. 9-10).

A perspectiva interacionista simbólica repousa, em última análise, sobre três simples premissas: a primeira premissa é a de que os seres humanos dirigem sua ação às coisas sobre as bases do significado que essas coisas

têm para eles; a segunda premissa é que o significado de tais coisas deriva ou surge da interação social que uma pessoa tem com outra pessoa; e a terceira premissa é que esse significado é dirigido e modificado através de um processo interpretativo usado por uma pessoa em relação às coisas que ele encontra. Nesse sentido, o caminho para se efetivar uma análise plausível sobre o dinheiro, na ótica do *dom*, é tomá-lo na perspectiva sociológica da *interação*. Por esse prisma, a concepção da moeda muda, pois está aberta a porta para tratá-la sob o viés da *dádiva*. Tal concepção de dádiva, que funda alianças sociais, ontologicamente, estabelece relações. Por essas e outras contribuições teóricas oriundas de trabalhos de colaboração com Durkheim - sobretudo por ter aplicado e refinado a sociologia durkheimiana -, Mauss se tornou o mais importante da Escola Francesa (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 194). Na dádiva, o bem circula a serviço do vínculo. A reciprocidade é o que parece de mais fundamental como razão de ser de toda a sociedade.

## 6 CONSIDERAÇÃO FINAL

O plausível dos dias atuais, mais do que nunca, é o *sentido*. É na esfera da religião, em termos de vivência existencial, que o indivíduo também tem buscado tal sentido e nela encontra lugares onde pode ficar. E, mais ainda,

ficar duplamente. Isso é uma das verdades da modernidade quanto ao significado de pluralidade, pois essa, tal qual o simbólico, é realidade aberta. Enquanto o imaginário for realidade necessária da vida humana, será

responsável por oxigenar, de forma surpreendente, toda a vida social e coletiva, não permitindo o triunfo da ruína (BALLANDIER, 1997, p. 232).

A Sociologia da Religião, com sua sensibilidade ao universo simbólico, não poderia, nos tempos atuais fechar-se ao interesse de pesquisas “empreendidas em nome de organizações religiosas”. A dinâmica da vida humana, em suas experiências diversas de pertencimento religioso, cria riqueza de imagens, símbolos, signos que desenham uma ambiência acolhedora das escolhas, que buscam realizar imediatamente o que se deseja. Essa perspectiva, própria de uma experiência religiosa, está contida na noção de Geertz (1989, p. 104) acerca da religião: “um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade

que as disposições e motivações parecem singularmente realistas”.

O universo biográfico de cada indivíduo, nesse sentido, conta muito, porque os fatos são indicadores de escolhas religiosas nos dias atuais. Assim, a vida marcada pelo desemprego possibilita a produção de uma dança simbólica que não permite a dureza mortíça da realidade dominar inteiramente o transcurso da vida existencial. A realidade simbólica não só fala, mas também designa, apontando para um sentido. A importância do simbólico, para a Sociologia da Religião, resume-se, então, no mínimo, a tangenciar essa realidade, buscando o entendimento de sua integração, como um fantástico devir social, que mexe com o cotidiano das pessoas e instituições. Isso foi o objetivo desta nossa breve reflexão, que buscou tomar o dinheiro como objeto de um discurso sociorreligioso que cria e recria sentidos.

## Referências

BALANDIER, Georges. **O contorno: poder e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, MATHÊE; et al - **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

GODBOUT, Jacques. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 13, n. 18 outubro de 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Em defesa da sociologia**. Ensaios, interpretações e

tréplicas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista de Sociologia e Política**. n. 14, jun. 2000.

MALDIDIER, D.; ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). In: **Gestos de Leitura**. São Paulo: Editora da UNICAMP, Ed. Pontes, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. De Mauss à Claude Lévi- Strauss. In: CHAUI, Marilena (Org.). **Textos escolhidos: Maurice Merleau-Ponty**. São Paulo : Abril Cultural, 1980.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e Seu Funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Ed. Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Palavra, Fé e Poder**. São Paulo: Ed. Pontes, 1987.

SILVA, Francisco de Assis da. **Religião e Política**. A Retórica do Catolicismo em Medelim e em Puebla. 1989. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciência Política, UFPE, Recife, 1989.

#### Sugestões para leitura

SILVA, D. E. Religião, Dinheiro, Fé e Ansiedade no Discurso Teológico de

Prosperidade. **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, v. 01, p. 65-78, 2012.

SILVA, D. E. Mercado, sacrifício e consumo religioso. **Estudos Teológicos**. v. 50, p. 131-143, 2010.

SILVA, D. E. A dádiva das palavras, da graça e da associação. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife, v. VII200, p. 87-98, 2008.

SILVA, D. E. Centralidade do dinheiro na espiritualidade neopentecostal. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 7, p. 19-38, 2008.

SILVA, D. E. O dinheiro como dádiva e mediação na relação com o sagrado. **Estudos de Sociologia**. Recife, v. 10, n.1, 2, p. 211-231, 2004.

SILVA, D. E. Consumo, Prosperidade e Pertencimento Religioso. In: Péricles Andrade. (Org.). **Polifonia do Sagrado: pesquisas em ciências da religião no Brasil**. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2015. p. 109-136.

SILVA, D. E. A dimensão espiritual do dízimo na Igreja Internacional da Graça de Deus. In: BRANDÃO, Sylvana; MARQUES, Luiz Carlos Luz; CABRAL, Newton Darwin de Andrade. (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Edições Bagaço; Editora Universitária UFPE, 2010, v. 5, p. 393-434.

Recebido em: 22/09/2015.  
Aceito para publicação em: 21/11/2015.